

A Representação da Informação e o Paradigma do Uso: o caso da disciplina Desenvolvimento de Coleções no contexto da EAD

Marilucy Ferreira*

Resumo O paradigma do uso ganha sentido quando nele protagoniza o usuário. Assim, abordamos o tema, apresentando-o de forma prática, através da descrição da elaboração do material didático para uma disciplina em EAD. O objetivo foi demonstrar que o paradigma do uso foi aplicado, a partir da abordagem apresentada pelo caderno de Desenvolvimento de coleções para o aluno. Para o tema utilizamos uma abordagem discursiva, voltada a um produto, que é o caderno da disciplina de Desenvolvimento de Coleções. Verificou-se como resultado que o paradigma do uso foi aplicado, uma vez tendo o caderno apresentado uma linguagem interativa e dialógica.

Palavras-chave Paradigma do uso, Representação da informação, Desenvolvimento de coleções, EAD, Disciplina.

Representation of Information and Use Paradigm: The course in Collection Development in the context of Online Education

Abstract The paradigm of use acquires meaning when the user is the protagonist. We approach the subject by presenting it in a practical way, describing teaching materials prepared for Online Education (OE). The goal was to demonstrate that the paradigm was applied, based on the approach presented by Collection Development notebooks for the student. We adopted a discursive approach, focused on the product. It was found that the paradigm was applied, once the notebook was presented with an interactive and dialogical language.

Keywords Paradigm use, Information representation, Collection development, Online Education.

* Graduada em Biblioteconomia. Mestre em ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. E-mail: maluzhubiblio@gmail.com

Introdução

A informação circunscreve-se em variados universos, ecologias, contextos e eventos, podendo, a partir do seu uso direcionado e aplicado a necessidades, ser um potencial recurso à criação, reflexão e desenvolvimento da sociedade como um todo. Uma sociedade que consome, produz e dissemina informação rapidamente, lança novas indagações e desafios sobre si, os quais suscitam estudos para os mais variados campos do saber.

No quadro da Educação, temos tais indagações e desafios também muito influentes, devido à aplicação de tecnologias informacionais em diversas práticas e métodos. No caso da Educação à Distância (EAD) também encontramos semelhantes cenários, especialmente quando se trata dos seus conteúdos.

Dessa forma, podemos dizer que o contexto da EAD apresenta um desafio às formas de construção de conteúdos. As representações das informações, que devem ter um teor dialógico, são como um suporte de entendimento deste conteúdo. Assim, a configuração do conteúdo precisa de métodos que atendam a essa demanda.

O caso aqui exposto refere-se à construção do material didático escrito para a disciplina Desenvolvimento de Coleções no Curso Técnico em Biblioteca da Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco (SEE/PE). Nele foram inseridos, além do texto apoiado em uma literatura especializada, caixas de diálogos e frases convidativas à leitura para auxiliar na aprendizagem e no entendimento da disciplina.

O material construído em novembro de 2012, agora pertencente à SEE/PE, vislumbra um paradigma discutido dentro da Ciência da Informação (CI) por Le Coadic (2004), o qual trata do paradigma do uso, pois o destaque é dado à informação e não mais ao documento. Isso significa dizer que, ao se escrever tal material didático, ele precisa corresponder a uma representação voltada aos usuários. Ou seja, o conteúdo só valida-se a partir do que ele representa para eles, no caso em questão, estudantes de EAD.

Neste sentido, buscamos aqui neste artigo expor não propriamente a configuração do material, mas seu resultado final, sua proposta no contexto da representação da informação, mais precisamente no contexto do uso potencial que o aluno pode fazer do conteúdo didático. Ou seja, objetivamos demonstrar que o paradigma do uso da informação foi aplicado, a partir da abordagem apresentada pelo caderno de Desenvolvimento de Coleções para o aluno de EAD.

Utilizaremos aqui uma bibliografia para discutir o tema lançado e utilizaremos também uma abordagem discursiva voltada a um produto, que é o caderno da disciplina de Desenvolvimento de Coleções.

Representação da informação

Para a CI, o processo de representação é também tradução, entendendo que um conteúdo, a partir desta tradução, pode ser recuperado, lido, compreendido pelo usuário. O documento impresso é exemplo e tem por função ser um registro memorial, no qual estão contidas várias representações humanas, sendo mais uma forma de expressão, uma linguagem. Dodebei (2002) argumenta que o conceito de representação não deve destoar das limitações tempo-espço, quer dizer, a representação deve inserir-se conforme os contextos.

Monteiro e Giraldes (2008) afirmam que a representação, em Aristóteles, está centrada no predicado como atributo do sujeito ou da proposição. Isso demonstra que a representação toma significado a partir da racionalidade, via linguagem, que qualifica o mundo por expressões, palavras e conceitos. Essa racionalidade, herança exclusivamente humana, conduz os conceitos e as palavras a representarem objetos e conteúdos.

A representação compõe-se de objetos e propriedades. Os objetos são “coisas que queremos representar”, enquanto que as propriedades são “as características dessas coisas” (DODEBEI, 2002, p. 28).

Representação da informação é a substituição de uma entidade lingüística longa e complexa - o texto de um documento - por sua descrição abreviada. Sua função é demonstrar a essência do documento. A representação da informação é um processo primeiro da transferência da informação e necessário para enfatizar o que é essencial no documento, considerando sua recuperação (NOVELLINO, 1998, p. 137).

A representação de textos verbais e não verbais, é uma atividade que, “a despeito de sua acentuada dimensão prática, relaciona-se a processos cognitivos” (PINTO; MEUNIER; SILVA NETO, 2008, p. 21). Representar com palavras requer escolhas, intenção de conciliar o texto ao seu respectivo conteúdo, adequação entre este e aquele, e isso, por si só já se configura como uma atividade de representar e comunicar.

Lévy (1993, p.22) escreve que “o jogo da comunicação consiste em, através de mensagens, precisar, ajustar, transformar o contexto compartilhado pelos parceiros.” Todavia, o citado autor lembra que o contexto não é algo estático, é mais um “objeto perpetuamente reconstruído e negociado.” (LEVY, 1993, p. 22).

A representação existe para comunicar e, sendo uma forma de comunicação, deve apresentar-se inteligível, contextual e verossímil àquilo que se propõe representar.

Representação da informação em materiais textuais de EAD

No Brasil, A EAD apresenta-se em três gerações. A primeira em 1904, por correspondência; a segunda nas décadas de 1970 e 1980, em que as aulas eram transmitidas via satélite e os alunos recebiam material impresso para seus estudos; a terceira geração data de 1996, inspirada em uma legislação e favorecida pela Internet. (VIANNEY ET AL, 2003 apud BORBA, MALHEIROS, ZULLATO; 2011).

Estamos no contexto desta terceira geração e, nela, as tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) são imprescindíveis. Não sendo o foco deste artigo discutir as TICs, pretendemos apenas demonstrar que um instrumento, ou conteúdo, deve refletir sua verdadeira função para estar presente em determinado contexto educacional. Mas voltemos ao conteúdo da discussão, o qual se volta para um recurso textual, um material escrito.

Caracterização do universo explorado

Cunha e Cavalcanti (2008, p.128) definem o termo disciplina como “conjunto de conhecimentos, que possui características próprias do ponto de vista do ensino, da formação, dos mecanismos, dos métodos e das matérias.” Nessa linha, entendemos que uma disciplina se compõe e se ocupa de um núcleo, ou foco de estudo. No presente artigo, a disciplina Desenvolvimento de Coleções atua nos núcleos gerencial, administrativo, político e decisório. Estes núcleos estariam, portanto, relacionados a tudo que envolve o processo de formação de acervos documentais.

No tempo presente, a alta produção de materiais informacionais como livros e revistas inserem o processo de desenvolvimento de coleções numa dinâmica que requer mais atenção e preparação dos profissionais para melhor entender e atender os usuários.

O processo de desenvolvimento de coleções, segundo Weitzel (2002), divide-se em seis etapas: 1) Estudo da comunidade; 2) Política de seleção; 3) Seleção; 4) Aquisição; 5) Avaliação; 6) Desbastamento e descarte. Estas etapas, embora não sistematizadas dessa forma, aparecem no processo de desenvolvimento de coleções desde que os documentos começaram a ser guardados, preservados e utilizados:

O processo de formar e desenvolver coleções sempre esteve presente ao longo da história do livro e das bibliotecas. Portanto, desde a biblioteca de Alexandria às bibliotecas digitais, não há como formar e desenvolver coleções sem se deparar com questões próprias da natureza desse processo, tais como: o quê, o porquê, o para quê, o como e o para quem colecionar (WEITZEL, 2002).

No caso que estamos apresentando, o curso denominado Técnico em Biblioteca começou no primeiro semestre de 2012. Composto de três módulos, o curso contempla várias disciplinas,

configurando o tempo de um ano e meio – além do conteúdo textual, também se recorre ao uso de materiais ilustrativos, como imagens e caixas de diálogo que objetivam chamar a atenção do aluno, bem como o incentiva a pesquisar mais sobre determinados assuntos.

É neste sentido que se enquadra a Representação da Informação para validar o paradigma do uso da informação inserida no conteúdo. O caderno confeccionado trouxe, além das abordagens embasadas por autores da área, informações, por exemplo, sobre as cinco leis da Biblioteconomia formuladas pelo indiano Ranganathan, numa caixa de texto.

Era importante chamar a atenção dos alunos para isso, pois, se estávamos tratando de Desenvolvimento de Coleções, as seis leis poderiam servir como um roteiro a seguir para pensar nos usuários, na comunidade a ser atendida numa unidade informacional como a biblioteca. Isto corrobora com o paradigma informacional atual que oferece às pessoas a possibilidade de buscar e conhecer mais, construindo seus próprios saberes.

Assim, na EAD, o paradigma informacional atual propõe-se a contribuir para tornar cada pessoa apta a buscar, seletivamente, os conteúdos informacionais necessários para auxiliar no processo de geração de novos conhecimentos e novas competências (MOREIRA; CARVALHO, 2008). E complementamos tal afirmação dizendo que tal paradigma pode conciliar produção, representação, recepção e interpretação de informações.

Dessa forma, por não estarmos presencialmente com o aluno, as representações ganham maior ênfase, visto que eles precisam de um texto cuja redação traga exemplos, questione-o, mostre-lhe caminhos e o instigue à investigação mais aprofundada sobre o tema.

Essa ausência física do professor para discutir o conteúdo, portanto, faz com que o texto em si mesmo se coloque como mediador, representando de maneira inteligível um diálogo com o aluno. É, então, a linguagem apresentada que dará as vias de uso da informação de forma substancial.

A Representação da Informação, nessa perspectiva, alinha o conteúdo à sua proposta: atender um público específico; e isso ratifica que há por parte do texto uma apresentação que propõe ao aluno estudar sozinho e fazer uso do material, validando, dessa forma, o paradigma do uso.

O paradigma do uso foi mesmo aplicado?

Para o termo ‘paradigma’, Cunha e Cavalcanti (2008, p. 275) apresentam uma definição baseada na abordagem kuhniana, apontando o paradigma como “formulações teóricas que servem implicitamente por um período de tempo, para legitimar problemas e métodos em um campo do conhecimento”. Esta percepção de Thomas Kuhn, bem como as de outros autores, como Edgar Morin, por exemplo, apresentam-se mais amplamente discutidas na literatura científica. Ambos abordam em seus estudos conceitos sobre disciplinas, métodos e paradigmas (BOEIRA; KOSLOWSKI, 2009).

A definição acima de paradigma ratifica que o contexto de mudança social influencia e reconfigura o âmbito das ciências e suas disciplinas, trazendo à pauta do saber novos modelos de

vislumbrar novas questões, para se obter o resultado desejado. Conforme o pensamento de Le Coadic (2004), o paradigma do uso coloca as necessidades dos usuários em posição central no âmbito das instituições voltadas a práticas, rotinas e serviços informacionais, como os centros documentais, bibliotecas, arquivos, museus, etc.

Podemos responder de forma positiva à supracitada pergunta, uma vez que buscamos, na configuração da redação do conteúdo, chamar a atenção dos alunos com frases como “você sabia, caro(a) aluno(a)?”, bem como ilustrações contextualizando os assuntos e as caixas de texto apresentando uma síntese de um tema, ou exemplos práticos, ou links para buscar mais sobre certos assuntos.

O público da EAD apresenta-se de forma variada, pois, além de se concentrar em vários municípios de Pernambuco, muitos completaram graduação e já atuam no ambiente da biblioteca.

Era preciso, então, construir com cautela o discurso do texto, enfatizando para os discentes que, em muitos procedimentos, o profissional bibliotecário se fazia imprescindível. Assim, estávamos mesmo atendendo a um público específico, de nível técnico, o qual deveria conhecer os vários processos envolvidos no desenvolvimento de coleções, todavia consciente de limitações na sua atuação para delegar determinadas ações em seu ambiente de trabalho.

É relevante pontuarmos aqui que o caderno se denota como material de extrema importância, uma vez que é a partir dele que se criam os roteiros das vídeoaulas, bem como os assuntos discutidos nelas. Ainda verificamos que as atividades que são realizadas partem do conteúdo introduzido no caderno da disciplina.

Com isso, temos estruturada uma lógica discursiva que objetiva apresentar de forma clara o conteúdo ao usuário:

- Sistemática do conteúdo por competências, no caso em estudo, três, referentes a teorias, métodos, práticas e aplicações a serem entendidas e aplicadas pelos alunos, através de exercícios, atividades.
- Estruturação conceitual, caracterização, aplicação, etapas e procedimentos para cada competência;
- Formatação textual com recursos ilustrativos, pretendendo melhor contextualizar o discurso da disciplina;
- Pontuações quanto à necessidade de entender o conteúdo para o discente conseguir realizar as atividades propostas;
- Uso do conteúdo pelo docente para a construção das demais atividades (exercícios, vídeoaulas).

Em síntese, pautamos assim a pertinência das representações para o paradigma do uso:

- Linguagem dialógica, com perguntas como “você sabia?”;
- Caixas de diálogo;

- Links remissivos;
- Texto elucidativo acerca do nível do curso;
- Intenção de se atingir o resultado: conteúdo + aluno = apreensão/percepção dos significados textuais e imagéticos.

Considerações finais

Atuar em EAD significa dizer que é um desafio e também um terreno que requer interação e comprometimento. Do desafio, dizemos que se verifica um convite à criatividade dialógica de trazer ao discurso, além do conteúdo, o aluno, objetivando a apreensão, a compreensão, a aprendizagem e, assim, a mudança do sujeito, como ser reflexivo e crítico, compreendendo o mundo como um cenário complexo, desafiador, o qual solicita posturas mais holísticas e críticas nas atuações e decisões de cada um.

Do terreno interativo, buscamos apresentar, de forma sistemática, didática e dialógica os conteúdos, visando o entendimento e a percepção dos contextos destes. Para isso, é preciso “chamar” o aluno para dentro do texto, no qual ele fará uma leitura agregadora, ou seja, que lhe trará ganhos de aprendizagem.

Da parte do conteúdo o aluno é chamado ao diálogo; da parte da estrutura, o aluno é convidado, através de recursos ilustrativos, a visualizar e refletir sobre o que está sendo abordado no conteúdo.

Certamente, nem sempre se consegue a aprendizagem pretendida. Contudo, a forma como são confeccionados os materiais direciona-se a um resultado de aprendizagem. Nesse sentido, aberta está a proposição de que ainda há muito para se fazer para a obtenção de um resultado satisfatório. Isso se observa principalmente quando pensamos no docente:

- Seu tempo de estudo – pois ele deve estudar o assunto a ser repassado para trabalhar a linguagem mais acessível ao aluno de EAD, que pede uma abordagem discursiva dialógica;
- Suas ferramentas de pesquisa – o docente deve ter em mãos o acesso a recursos como computador com Internet, *software* que trate imagens, textos clássicos e também atualizados do assunto, etc.;
- Suas competências para a pesquisa – além de ter acesso aos recursos para executar sua atividade, o docente precisa dominar certas competências, como interagir no ambiente da Internet para buscar fontes confiáveis, por exemplo; saber pesquisar e baixar conteúdos e recursos, como textos, tutoriais, programas, etc., e configurar o conteúdo de forma didática no material a ser produzido.

Todavia, isso é pauta para outro trabalho, posto que o tema requer extensão e profundidade de conceitos, dada a complexidade de sua natureza.

O artigo apresentado propôs demonstrar como a Representação da Informação, inserida nos conteúdos textuais de materiais de EAD, pode inserir o paradigma do uso discutido por Le Coadic, tanto para os docentes, que os utiliza para confeccionar outros materiais da disciplina, como para o discente, que tem na redação do texto frases, figuras e links, os quais servem como recursos que o convidam à interação e apreensão do conteúdo.

Neste trabalho foi possível mostrar que entre várias ambiências do conhecimento, em conteúdos como o aqui exposto, é possível verificar que a CI está inserida, atuante e influente. Mais explicitamente pudemos averiguar uma linguagem que incluía o leitor/aluno, corroborando com a assertiva de que ele é parte central do conteúdo e, assim sendo, o paradigma do uso foi aplicado, pois o paradigma do uso nada significa sem a participação e interação do usuário.

Artigo recebido em 04/02/2013 e aprovado em 20/03/2013.

Referências

BOEIRA, Sérgio; KOSLOWSKI, Adilson. Paradigma e disciplina nas perspectivas de Kuhn e Morin. *Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis*, v.6, n.1, p. 90-115, jan./jul. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/10034>>. Acesso em: 21 jan. 2013.

BORBA, Marcelo de Carvalho; MALHEIROS, Ana Paula dos Santos; ZULLATO, Rúbia Barcelos Amaral. *Educação à distância online*. 3. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2011.

CUNHA, Murilo Bastos; CAVALCANTI, Cordélia. *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DODEBEI, Vera Lúcia. *Tesouro: linguagem de representação da memória documentária*. Rio de Janeiro: Intertexto, 2002.

LE COADIC, Yves-François. *A ciência da informação*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MONTEIRO, Silvana; GIRALDES, Maria Júlia. Aspectos lógico-filosóficos da organização do conhecimento na esfera da ciência da informação. *Informação & Sociedade*, v. 18, n. 3, p. 13-27, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/1775>>. Acesso em: 05 jan. 2013.

Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 326-334, maio 2013 - <http://www.ibict.br/liinc>

MOREIRA, Jonatan; CARVALHO, José Oscar Fontanini de. Estudo de métodos e técnicas da ciência da informação aplicáveis à educação a distância. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 4, n. 2, p.15-32, 2008. Disponível em: <<http://www.febab.org.br/rbbd/ojs-2.1.1/index.php/rbbd/article/view/103/121>>. Acesso em: 08 jan. 2013.

NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. A linguagem como meio de representação ou de comunicação da informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 3, n. 1, p. 137-146, jul./dez. 1998. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/602/371>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

PINHO, Fábio de Assis. *Aspectos éticos em representação do conhecimento: em busca do diálogo entre Antonio García Gutiérrez, Michèle Hudon e Clare Beghtol*. 2006. Dissertação (Mestrado em Filosofia)- Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2006. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/pinho_fame_mar.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2013.

WEITZEL, Simone da Rocha. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 7, n. 1, p.61-67, 2002. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/414>>. Acesso em: 07 jan. 2013.